

Aula 004 – Habacuque – Capítulo 3

A. UM SALMO DE SUBMISSÃO.

Habacuque 3:1 Oração do profeta Habacuque sob a forma de canto.

Nesse momento, o dilema de Habacuque finalmente chega a uma solução. Como ocorre com frequência quando seres humanos finitos se aventuram a dialogar com o Deus infinito, a solução para o problema de Habacuque não vem da maneira como ele esperaria. Em vez de Deus anunciar um castigo modesto e controlado ao Israel desobediente, Habacuque ouviu, alarmado, a notícia de extrema devastação. Em vez de uma dura repreensão por sua audácia pessoal em queixar-se, Habacuque recebera uma palavra de conforto, ânimo e segurança.

Então o profeta se viu forçado a reajustar radicalmente o que poderia esperar do Senhor.

A aceitação final pelo profeta do plano determinado pelo Senhor, fornece a resolução necessária da questão entre Deus e Habacuque encontrada nos capítulos anteriores.

Habacuque 3:2 Tenho ouvido, ó SENHOR, as tuas declarações, e me sinto alarmado; aviva a tua obra, ó SENHOR, no decorrer dos anos, e, no decurso dos anos, faze-a conhecida; na tua ira, lembra-te da misericórdia.

Nesse momento, o profeta começa seu cântico, um cântico que deve ser repetido pela congregação de Israel ao longo dos anos sombrios, os quais logo começariam a experimentar. A canção vem como uma resposta à revelação dada ao profeta com respeito aos dias vindouros.

Ao adotar essa forma para sua palavra de aceitação com respeito ao futuro, o profeta segue uma tradição tão antiga quanto Moisés. Como o Senhor previa a infidelidade de Israel depois que entrassem na terra, Ele instruiu Moisés a escrever um cântico e a pô-lo na boca dos israelitas como um veículo que visava instruir as gerações futuras.

Deuteronômio 31:19 Escrevei para vós outros este cântico e ensinai-o aos filhos de Israel; ponde-o na sua boca, para que este cântico me seja por testemunha contra os filhos de Israel.

Este cântico não seria esquecido pelas crianças do futuro.

Deuteronômio 31:21 E, quando o tiverem alcançado muitos males e angústias, então, este cântico responderá contra ele por testemunha, pois a sua descendência, sempre, o trará na boca; porquanto conheço os desígnios que, hoje, estão formulando, antes que o introduza na terra que, sob juramento, prometi.

E então, enquanto Habacuque visualiza os corredores do tempo que jazem adiante, ele também compõe um cântico.

Ele ouviu as declarações do Senhor, e o temor invadiu seu coração.

Vários casos no livro de Deuteronômio indicam a naturalidade com que "ouvir e temer" podem ser vistos como uma reação esperada (Dt 13.12; 17.13; 19.20; 21.21).

Porventura Habacuque se sentia culpado de sentir-se trêmulo em razão da revelação que recebera'? Claro que não. Se medo é uma reação natural por ocasião de uma tragédia pessoal, quanto mais compreensível é que o profeta reaja com profundo senso de alarme e medo enquanto é informado de que a nação favorecida do Senhor sofreria total destruição! Mesmo quando é assegurado de que o justo viverá pela fé, ele não pôde sentir outra coisa senão pavor ante o juízo iminente.

Como matéria de fato, a reação negativa do profeta ao ouvir sobre a atividade do Senhor indica que ele aceita como genuína a mensagem que havia recebido.

Neste caso, medo é um importante componente da fé do profeta.

O padrão da oração de Habacuque fornece compreensão da era atual.

De acordo com Pedro, o juízo deve começar pela casa de Deus (1 Pe 4.17).

Esta era atual representa o tempo em que Deus continua a purificar seu próprio povo por meio de muitos juízos punitivos.

Nessas circunstâncias, o crente deve pleitear a promessa de que o Senhor preservará a vida de seu povo a despeito das calamidades temporais.

Entre o tempo do castigo de Deus sobre seu próprio povo e a vinda do juízo final sobre seus inimigos, a súplica deve subir ao Senhor para manter sua palavra e sustentar a vida do crente.

E assim as petições do profeta têm três objetivos:

1. Que o Senhor preserve a vida;
2. Que o Senhor proveja entendimento;
3. Que o Senhor se lembre da misericórdia.

Somente a ação da graça divina nos é suficiente sob circunstâncias calamitosas que o crente há de enfrentar.

Habacuque 3:3 Deus vem de Temã, e do monte Parã vem o Santo. A sua glória cobre os céus, e a terra se enche do seu louvor.

É notável o ponto de onde Deus começa sua aproximação. Não é dos céus, mas de locais muito concretos da terra.

A surpreendente revelação sobre esse Deus é que ele realmente vem. Esta expectativa da “vinda” de Yahweh retrocede aos tempos das antigas palavras de Moisés quando refletiu as glórias da manifestação de Deus no Sinai.

Moisés começou sua profecia a respeito das tribos de Israel observando que:

Deuteronômio 33:2 Disse, pois: O SENHOR veio do Sinai e lhes alvoreceu de Seir, resplandeceu desde o monte Parã; e veio das miríades de santos; à sua direita, havia para eles o fogo da lei.

A ênfase sobre a vinda do próprio Deus como a fonte de esperança para o povo do Senhor encontra apropriadamente sua expressão consumada nas Escrituras da Nova Aliança. Os crentes sofrendores são encorajados a reter bem sua profissão de fé, visto que “aquele que vem virá e não tardará” (Hb 10.37). Ao longo de todas as eras, somente a esperança da vinda do Senhor pode dar certeza genuína a seu povo.

Os dois locais designam aproximadamente os limites da jornada de Israel no deserto:

- Temã é geralmente associada com Edom (cf. Ob 9; Am 1.12).
- Parã designa a área do deserto, na região do Sinai e do Egito (cf. Gn 21.21; 1 Rs 11.18; Dt 33.2).

Seja como for, Habacuque descreve Deus em movimento do Sinai até Edom a caminho para a posse da terra para seu povo. Habacuque lembra a experiência passada de Israel como um meio de prevenir a intervenção do Senhor no futuro.

Mas agora, nos dias de Habacuque, o próprio Israel de repente se toma um obstáculo no caminho do movimento divino para dar salvação a seu povo.

Visto que Israel tem agido de um modo persistentemente perverso, eles devem ser removidos do caminho ao longo do qual Deus realiza propósitos redentores.

Habacuque vê a justiça e a santidade de Deus em ação. Com imparcialidade, Ele atingirá primeiro os perversos em Israel e depois os babilônios ímpios.

E assim Ele será estabelecido como o Santo que Vem.

Quão impressionantes teriam sido as novas palavras pactuais de Pedro quando declarou à sua geração israelita: “Vós, porém, negastes o Santo e o Justo” (At 3.14). Ao rejeitar Jesus Cristo como “Aquele que Vem”, Israel selou seu destino para uma destruição ainda mais espantosa que as devastações realizadas pelos babilônios.

Essas manifestações passadas, numa escala limitada, podem ser consideradas como antecipações do grande evento final da glória de Deus:

Mateus 24:27 Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do Homem.

Então, todo olho O verá, e a visão de Habacuque receberá seu cumprimento final.

Habacuque 3:4 O seu resplendor é como a luz, raios brilham da sua mão; e ali está velado o seu poder.

De longe, o profeta viu a glória de Deus enchendo toda a terra. Agora o Todo-Poderoso chega mais perto; ele pode ver aqueles pontos de concentração nos quais a essência da glória de Deus se situa.

Em vista das limitações da experiência e linguagem humanas, a indescritível glória de Deus só pode ser retratada em termos de suposição. O elemento mais puro, mais brilhante do universo criado é a própria luz. Então o profeta declara que Deus, em sua vinda, é como a essência da luz. Anteriormente Davi usara esta mesma imagem a fim de representar a vinda de Deus em resplendor e luz para destruir todos os seus inimigos (2Sm 22.13). Assim como os raios do sol penetram toda a terra com seu brilho, também Deus, em sua vinda, irradia uma glória como a da luz mais pura.

Esse poder, essa glória, estariam ocultos, por causa das limitações dos seres humanos finitos. Contudo, esse Deus glorioso se aproxima ao homem.

Habacuque 3:5 Adiante dele vai a peste, e a pestilência segue os seus passos.

Havendo descrito algo da glória de Deus em sua essência enquanto vem libertar Seu povo, o profeta agora descreve os efeitos que acompanham a manifestação da glória de Deus. É significativo o fato de que esta fonte irradiadora de luz está se movendo.

A medida que Deus vem como luz personificada, ele traz a força penetrante e destrutiva do juízo divino. Mesmo antes de Deus chegar, a terra é assustada por praga. Referências a praga no AT se enfeixam principalmente em tomo dos eventos do êxodo e da profecia de Jeremias. No último caso, o profeta anuncia a destruição de Judá por causa de sua persistência no pecado (cf. Jr 14.11-12; 21.6,9; 24.10; 27.8,13).

Ao declarar este flagelo futuro sobre a terra, o profeta apenas ecoa as maldições pactuais como ameaçadas outrora (Lv 26.25; Dt 28.21-22).

A vingança pactual vem sob a forma de praga que devora os inimigos de Deus, juntamente com todas suas possessões.

Então Habacuque, ao decidir expressar-se em termos das antigas maldições pactuais, fornece evidência de que ele se reconciliou com a justiça de Deus que devastava seu próprio povo, como lhe fora revelado pela resposta inicial de Deus à sua queixa (Hc 1.5-11). Esta aceitação dos justos desígnios de Deus encontra expressão mais completa nos versículos finais do poema (3.17-19).

A teofania em seu avanço deixa um traço de destruição após si. Se as pragas o precedem, a pestilência abrasadora marca a vereda que ele seguiu. O termo “pestilência abrasadora” tem um significado básico de “queimar”, e pode pressupor a figura de faíscas evolando enquanto os pés do Senhor pisam a terra. De qualquer modo, a vinda do Senhor é uma visão aterradora de se ver. Quanto mais perto ele chega mais amedrontador parecem ser as consequências de sua aproximação.

Habacuque 3:6 Ele para e faz tremer a terra; olha e sacode as nações. Esmigalham-se os montes primitivos; os outeiros eternos se abatem. Os caminhos de Deus são eternos.

Agora o Senhor realmente chega. As manifestações de sua chegada foram vistas a distância em termos de irradiação de sua glória enchendo a terra.

Mas agora o Todo-Poderoso chega e se torna evidente que ele não é simplesmente um fenômeno a ser observado.

Como um grande colosso que se eleva acima dos cumes dos montes, o Senhor Deus mede a terra, reivindicando o direito de domínio inerente em si mesmo como Criador.

Seu olhar assusta (as) nações. Do mesmo modo que o gafanhoto pula repentinamente com suas pernas desproporcionais, também as nações inteiras pulam assustadas quando de repente se tomam conscientes de que o Senhor chegou.

Ao realçar o significado cósmico da vinda do Senhor, Habacuque descreve o efeito de sua chegada nas massas mais fundamentais da criação. Primeiro, os montes eternos surgem do abismo de águas, que ainda servem de estabilizadores do mundo (cf Gn 1.9). Desde o alvorecer da criação, eles permaneceram resolutos englobando a terra até

hoje. Eles dizem às profundezas do oceano: vocês podem ir até este ponto; mas não além dele (ver Sl 104.9).

À vista do Senhor, porém, essas estruturas maciças são esmigalhadas como se atingidas por uma marreta gigante; elas se mostram frágeis como argila.

Os outeiros eternos rastejam no pó, achatados perante a majestade do Senhor.

Em contraste com a temporalidade comprovada das estruturas fundamentais da presente criação se põe a estabilidade eterna do Senhor.

Seu padrão de atividade tem sido consistente ao longo dos tempos. Sem parcialidade, ele aparece no tempo certo para estabelecer justiça em toda a terra.

Ele vê, mede, vem e aplica sua vontade soberana.

As imagens empregadas por Habacuque atingem um clímax de realização na perspectiva da Nova Aliança. Não só os outeiros se curvam perante sua glória; os elementos mais essenciais do universo se dissolvem em calor abrasador (2Pe 3.10).

O Senhor mesmo descerá no glorioso esplendor das nuvens e todo olho o verá (Ap 1.7). A imparcialidade de seus juízos se manifestará por toda a eternidade.